

## Rússia e a pluralidade de posicionamento das lideranças africanas

*Há companhias mineiras russas no sector diamantífero em Angola, na exploração de alumínio na Guiné e de urânio na Namíbia.*

**Alexandra Magnólia Dias | Público | 1 de Abril de 2022**

O sentido de voto dos Estados africanos na Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) espelha as contradições entre legado histórico-ideológico, valores e interesses no momento crítico de transformação global da ordem internacional. A pluralidade de posicionamento das lideranças africanas face à [resolução de 2 de março de 2022 que visava condenar a invasão da Ucrânia](#) pela Rússia confirma que os Estados Africanos não desenvolveram uma política externa de África face aos eventos determinantes na sociedade internacional global. Com efeito, de entre os 54 Estados-membros da ONU de África, que representam um quarto do voto na AGNU, apenas um votou ao lado da Rússia — a [Eritreia](#) —, a maioria reconheceu a importância de adotar uma posição firme de condenação da invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia, 16 abstiveram-se e oito ausentaram-se no momento da votação. Na resolução de 27 de março de 2014, que visava invalidar o referendo realizado para legitimar a [secessão da Crimeia](#) e a sua incorporação pela Rússia, o Zimbabué e o Sudão votaram ao lado da Rússia, 28 abstiveram-se e sete não votaram. No final, em 2014 apenas 18 Estados africanos votaram a favor da aprovação da resolução, ao passo que em 2022, aproximadamente 54% ou 29 Estados africanos condenaram a Rússia por esta violação clara do Direito Internacional e colocaram-se ao lado da Ucrânia no reconhecimento do recurso legítimo à força em defesa própria por esta última. Mas como compreender o posicionamento dos Estados que se abstiveram ou não votaram justificando-se na necessidade de não tomarem partido nas rivalidades externas?

O regresso simbólico de Rússia a África tornou-se evidente com a realização da Cimeira Rússia-África em Sotchi, a 23 de outubro de 2019, e o envolvimento da Rússia na República Centro-Africana a partir do mesmo ano em termos de formação militar, proteção presidencial e investimento por parte de companhias mineiras. No entanto, as relações entre os Estados africanos e a Rússia não podem ser compreendidas sem termos em conta o [legado histórico e ideológico da Guerra Fria](#). Durante este período o apoio dispensado pela antiga União Soviética aos movimentos de libertação nacional e de luta contra os regimes de minoria branca foi determinante para a independência de uns e a transição política de outros; revelou-se constante ao longo da Guerra Fria, beneficiando lideranças e recém-Estados independentes, mas contribuindo para a intensificação e prolongamento dos conflitos noutros casos. Ideologicamente, a [opção pela abstenção](#) inscreve-se num legado de não-alinhamento face às rivalidades entre a antiga União Soviética no confronto com a outra superpotência: os Estados Unidos. A Guerra Fria não tem paralelo na conjuntura atual e a Rússia não é a antiga [União Soviética](#). A insistência por parte de líderes como Cyril Ramaphosa da África do Sul e de Macky Sall do Senegal, que assume maior importância na medida em que este País

ocupa a presidência da União Africana, de que a resolução da AGNU não contemplava espaço para negociação entre as partes, não isenta da tomada de posição por defeito contrária ao conjunto de valores que norteiam as relações internacionais africanas desde as independências. Esta investida da Rússia na Ucrânia traduz uma mudança na sua orientação de política externa, de uma conduta revisionista para revanchista. A invasão inequívoca da Ucrânia mais do que corresponder a um projeto político de construção de uma Grande Rússia revela o intento de destruição do projeto político de construção do Estado e da nação Ucrâniana e prende-se a uma visão da Rússia sob a liderança de Putin.

Esta invasão encontra-se em rota de colisão e em clara violação de dois princípios fundamentais da sociedade internacional africana: o princípio do respeito pela integridade territorial de Estados soberanos e a não-interferência nos assuntos internos de outros Estados soberanos. O embaixador queniano Martin Kimani, na sua qualidade de representante de um dos Estados africanos não-permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, num discurso de grande importância simbólica aludiu ao repúdio da conduta da Rússia face à violação destes princípios garantes da ordem internacional. A abstenção e a não votação por parte de Estados africanos face à crescente militarização das relações internacionais e de uma orientação de política externa que só garante o respeito pela soberania aos Estados mais poderosos no sistema internacional e, em particular, aquele que é considerado a maior potência nuclear, coloca em causa o escudo da soberania que protege os Estados em desvantagem num sistema de distribuição desigual de poder.

Finalmente, há que considerar os interesses dos Estados africanos na manutenção de boas relações com a Rússia. Há companhias mineiras russas no sector diamantífero em Angola, na exploração de alumínio na Guiné e de urânio na Namíbia. A Lukoil tem presença na Nigéria, Gana, Egito e Camarões e em 2021 celebrou um contrato para exploração de petróleo no Senegal no valor de 300 milhões. Para o Quênia, a Rússia é o quinto maior importador de chá. No que toca ao fornecimento de equipamento militar para África, 49% é proveniente da Rússia, sendo os principais recipientes Argélia e Egito, estimando-se que a venda do mesmo entre 2014-2019 representou 8 milhões de dólares. A atestar a densidade e abrangência de relações entre Moscovo e parte significativa das lideranças africanas, o chefe de Estado responsável pelo último golpe de Estado no Sudão, em outubro de 2021, o general Mohamed Hamdan (Hemeti), chegava a Moscovo à data em que a invasão conduziu ao espoletar da guerra: 24 de fevereiro de 2022.

Estas são manifestações mais do que simbólicas do regresso da Rússia a África e põem em causa uma visão de unidade africana no século XXI face a uma conjuntura de ressurgência de rivalidade entre grandes potências e com implicações para o continente.

Se a crise energética desencadeada pela guerra pode vir a beneficiar os principais países exportadores de petróleo como a Nigéria e Angola e os de gás como a Argélia (e a mais longo prazo eventualmente Moçambique), a crise alimentar terá efeitos para o fornecimento de trigo ao Norte de África e no aumento dos preços de alimentos básicos

para a dieta alimentar que podem, em última instância, conduzir a protestos nas principais capitais africanas.

<https://www.publico.pt/2022/04/01/mundo/analise/russia-pluralidade-posicionamento-liderancas-africanas-2000932>